

Manter a lucidez nas idades de burrice geral

JORNAL DA TARDE

O personagem da fábula de Washington Irvin, Rip-Van-Winkle, não podia entender o mundo que encontrou ao acordar de um sono de algumas décadas, pensando que dormira apenas algumas horas.

Um Rip-Van-Winkle brasileiro que tivesse adormecido em setembro de 1969 e, acordando na semana passada, ligasse a televisão e surpreendesse o senhor Fernando Gabeira pontificando sobre problemas eco(ideo)lógicos sentiria o mesmo tipo de perplexidade.

O valente guerrilheiro da soberania nacional que "na véspera" — para o nosso Rip-Van-Winkle — arriscara a própria vida na sua luta antiimperialista, organizando e executando o seqüestro do embaixador norte-americano Elbrick, estava agora ali no vídeo, com o mesmo ardor guerrilheiro, brandindo a ameaça de promover uma autêntica invasão estrangeira — particularmente de norte-americanos — com o objetivo de salvar o Brasil dos predadores brasileiros da selva amazônica. É isso aí. O inimigo imperialista de ontem é hoje um grande aliado e proclama que a Amazônia é dele também. Como o exército de brasileiros conscientes da ameaça que representa para o nosso futuro a exploração irracional e predatória dos nossos recursos naturais e, particularmente, a devastação da floresta amazônica por pecuaristas e agricultores despreocupados, na sua ganância, com a fragilidade do seu sistema ecológico, é um bando de incapazes sem condições de levar a bom termo a missão que se atribuíram, vamos entregar aos estrangeiros, particularmente aos norte-americanos, o comando dessa batalha.

Como dizia em artigo publicado nesta mesma página no último dia 6 de janeiro, tratando exatamente dessa interferência estrangeira nos nossos negócios internos, nosso colaborador Mauro Santayana, "manter a lucidez nas idades de burrice geral não é fácil".

Mauro Santayana é insuspeito para atacar "os maus defensores dessa boa causa" (a expressão é dele mesmo), uma vez que suas convicções ideológicas sempre estiveram muito próximas das de Fernando Gabeira. A diferença entre os dois está na seriedade com que cada um as defende.

Quanto a nós, do **Jornal da Tarde**, também somos insuspeitos para aplaudir sua denúncia da **burrice geral**, neste caso particular da interferência estrangeira na nossa luta pela defesa do meio ambiente, porque ninguém neste país está nessa luta, de corpo e alma, há mais tempo do que nós.

Por isso ninguém sente melhor do que nós o mal para a boa causa que fazem os seus maus defensores.

O que o ex-sequestrador de representantes do imperialismo estava anuncianto na semana passada, no noticiário de TV que freqüenta diariamente, era a realização nos próximos dias, numa cidade qualquer da Amazônia — seria Altamira? —, de um seminário sobre os problemas da região, mais particularmente sobre a construção de hidrelétricas na região do Xingu, com a presença de muitos estrangeiros, uma vez que, segundo ele, os estrangeiros estão muito mais **conscientizados** sobre a importância do problema amazônico do que nós, brasileiros. Eles vêm para cá colecionar argumentos para depois municiarem a grande imprensa norte-americana, que já está há tempos batalhando com eles pela causa, para impedir a construção de hidrelétricas que possam provocar "desastres ecológicos", ou perturbar a vida dos índios brasileiros — pouco mais de cem mil ao todo —, cujos interesses têm prioridade sobre os interesses dos demais 140 milhões de brasileiros, entre os quais quase a metade — 60 milhões — só sairão da condição de miséria em

que vive, só matará a fome que à consome, só verá suas criancinhas pararem de morrer no primeiro ano de vida em proporções só superadas pelas criancinhas de alguns países africanos, no dia em que formos um país desenvolvido, o que pressupõe neste momento de nossa evolução econômica, como condição primeira infra-estrutural, a aplicação de seis bilhões de dólares por ano para a construção de novas hidrelétricas, durante os próximos dez anos.

Para atender a demanda prevista no caso de uma reativação de nossa economia que nos recoloque no ritmo de crescimento histórico de no mínimo 7% ao ano, teríamos de construir 95 usinas hidrelétricas até o ano 2010.

Pois bem. Desde meados do ano passado estamos esperando a liberação de um empréstimo já concedido pelo Banco Mundial, de 500 milhões de dólares, para a Eletrobrás, liberação essa atrasada inicialmente por motivos ecológicos, graças à campanha da imprensa norte-americana, decorrente da pressão do **lobby** que vem participar do seminário de Altamira para "recarregar suas baterias".

Daqui para a frente vai ser assim, sempre. Os 60 milhões de brasileiros que vivem em condições de miséria vão continuar esperando. As criancinhas que morrem antes de completar um ano de vida vão continuar morrendo enquanto não se provar que uma nova hidrelétrica na Amazônia não vai provocar o "desastre ecológico" que provocou a hidrelétrica de Tucuruí. Qual foi o **desastre** de Tucuruí? Foi que em vez da poluição das águas de sua imensa represa, prevista pelos eco(ideo)logistas do tipo Gabeira, tivemos o milagre da multiplicação dos peixes: o reservatório da usina de Tucuruí, três anos depois de sua inauguração, é hoje um dos melhores pesqueiros de toda a Amazônia.

Graças a Deus e à nossa mania de estudar com seriedade os problemas de que tratamos diariamente no cumprimento de nossa missão jornalística, nós jamais atribuímos a qualquer tipo de interferência estrangeira os nossos dramáticos fracassos no esforço para fazer do Brasil um país moderno, democrático, socialmente equilibrado e equilibradamente próspero. Pelo contrário. Sabem bem os nossos leitores que estamos há muito tempo convencidos de que jamais chegaremos a ser tudo aquilo enquanto não criarmos as condições para que o capital estrangeiro julgue o Brasil um país tão atraente quanto os Estados Unidos, que continuam sendo hoje o maior consumidor de investimentos estrangeiros.

Mas enquanto a burrice nacional impede a entrada desses capitais não há nenhum motivo para que ela importe a burrice norte-americana, que descobre na Amazônia uma fábrica de oxigênio que está sendo substituída por uma fábrica de dióxido de carbono que já estaria contribuindo mais para o chamado **efeito estufa** do que os gases emanados dos milhões de automóveis e de fábricas dos países desenvolvidos.